

ENSINAR-APRENDER, APRENDER-ENSINAR: EXPERIÊNCIAS DO TIROCÍNIO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Aila Cristina Costa de Jesus

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

E-mail: ailacristinacj@gmail.com

Aline dos Santos Lima

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

E-mail: aline.lima@ifbaiano.edu.br

Este texto tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas durante a realização do Tirocínio Docente Orientado no componente curricular Geografia Rural ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano) - *Campus* Santa Inês no semestre 2020.2 com vigência entre 16/08 e 06/11/2021. O Tirocínio Docente Orientado¹ é um estágio de docência no Ensino Superior. No Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (POSGEO/UFBA), o tirocínio é uma atividade obrigatório que tem como finalidade preparar o estudante para atividades docentes.

A disciplina na qual o tirocínio foi realizado tinha como objetivo discutir a natureza e dinâmica do espaço rural brasileiro, com ênfase na produção e modernização da agricultura, os movimentos socioespaciais e reforma agrária (IF BAIANO, 2017). A nossa abordagem partiu da compreensão da permanência da questão agrária (GERMANI, 2005) e seus desdobramentos na sociedade brasileira.

Devido a pandemia da doença infecciosa COVID-19, causada pelo novo coronavírus denominado SARS-CoV-2 e a necessidade de medidas de proteção e prevenção contra o vírus, o componente Geografia Rural foi ministrado por meio das Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs). Ou seja, o planejamento das atividades foi construído a partir do Plano de Ensino para as APNPs e executado em momentos síncronos e assíncronos. Os momentos síncronos foram realizados por meio de plataforma de

¹ Segundo o Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, o “O Tirocínio Docente Orientado, quando constar de grade curricular do Curso, deverá ser desenvolvido em atividades de graduação, pós-graduação, lato sensu ou extensão, a critério do Colegiado, e terá por finalidade a preparação do estudante para a atividade docente e que deverá ser desenvolvida em um semestre letivo no decorrer do Mestrado e/ou Doutorado.”. (POSGEO/UFBA, 2020).

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 220-227, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.

videoconferência (*Google Meet*) e as atividades assíncronas foram disponibilizadas para os(as) estudantes via plataforma Moodle IF Baiano. O planejamento das atividades da disciplina ocorreu de forma conjunta entre a professora responsável pela disciplina e a discente tironecista. Nossa proposta de trabalho pretendeu garantir a aprendizagem dos conteúdos por meio da interação entre os sujeitos envolvidos no processo.

De forma geral, a disciplina foi desenvolvida por meio de aulas expositivas dialogadas a partir de textos selecionados, debates e exposições de materiais audiovisuais (vídeos, mapas, podcast e documentários). Devido ao formato não presencial, buscamos utilizar diferentes formas de recursos audiovisuais para contribuir na consolidação da aprendizagem dos discentes. Como processo avaliativo da aprendizagem, propomos: I) participação nos momentos síncronos; II) respostas do questionário; III) Processo de pesquisa; IV) Construção de material didático e V) autoavaliação do processo de aprendizagem.

Ensinar-aprender a Geografia Rural: com quais sujeitos dialogamos?

Para conhecer os sujeitos aos quais íamos trabalhar, aplicamos um questionário para os(as) 26 discentes matriculados no componente curricular. Com o questionário tínhamos a intenção de identificar quem eram os sujeitos que ali estavam, quais eram as condições de acesso e de acompanhamento das APNPs e as possíveis vinculação/aproximação com a temática da disciplina. Foram preenchidos 22 questionários através dos quais foi possível conhecer o perfil dos e das estudantes da turma.

O perfil se apresentou da seguinte forma: a) 71% de mulheres e 29% de homens, com faixa etária variada entre 21 a 49 anos, maioria egressos das escolas públicas; b) as condições de acessos às aulas síncronas: 43% utilizavam o notebook para participar, 38% utilizavam o celular, 14 % o computador e 5% faziam uso de tablet; c) e, acerca do ambiente para conexão nas APNPs, as respostas foram as seguintes: 29% tinha acesso na sala com outras pessoas, 24% disse acessar sozinho no quarto, 19% acessava no quarto com outras pessoas, 19% acessava sozinha na sala, 9% indicou outros ambientes, como a cozinha. No ensino remoto, o ambiente no qual os(as) discentes estão inseridos influencia diretamente na interação e envolvimento durante as aulas. Portanto, conhecer o perfil dos(as) discentes foi importante para se entender quais as condições materiais de acesso que tinham e, diante disso, se necessário, (re)pensar os caminhos do processo de ensino-aprendizagem.

Ensinar-Aprender a Geografia Rural: planejamento, execução e orientação

O plano de ensino das APNPs foi construído a partir do diálogo entre a docente responsável e a discente tirocista fazendo com que a disciplina fosse conduzida de forma compartilhada. Optamos pela participação e acompanhamento de todas as atividades/aulas realizadas. Portanto, partilhamos todas as etapas inerentes à organização e execução da disciplina. Ao todo foram 12 momentos síncronos, considerando as aulas e as orientações no processo de pesquisa e a construção das cartilhas.

Durante a construção e planejamento do plano de ensino, optamos pela seleção prévia dos textos que seriam discutidos e na escolha dos materiais de apoio (podcast, documentários, vídeos, textos) para as atividades síncronas e assíncronas. A metodologia de ensino e o processo de avaliação também foram planejados em parceria. Prezamos pela interação entre os sujeitos, a valorização das temáticas e reflexão sobre realidade a partir da conjuntura da pandemia.

As aulas ministradas pela tirocista, com supervisão e acompanhamento da professora responsável pela disciplina estão listadas no Quadro 1, com as respectivas datas e temáticas. Nestes dias, a tirocista ficou responsável pela apresentação dos textos e problematização de questões inerentes à temática. A orientação era que os(as) discentes da disciplina realizassem a leitura prévia dos textos e elaborassem questões para o debate durante a aula. Ao escolhermos essa proposta de metodologia nossa intenção era promover o debate e interação dos(as) discentes mesmo nas condições de ensino não presencial, onde muitas vezes, o cansaço, a impossibilidade de participar e outras questões poderiam interferir no momento.

Quadro 1. Aulas ministradas e as temáticas abordados no componente Geografia Rural

Data	Temática da aula	Referência(s) básica(s)
24/08/21	Reflexão sobre a estrutura e a organização do espaço rural no Brasil	GERMANI, G. I.. Condições históricas e sociais que regulam o acesso à terra no espaço agrário brasileiro. GeoTextos , vol. 2, n. 2, 2005. 115-148.
31/08/21	Continuação da aula discussão da aula anterior + discussão sobre Questão Agrária no Brasil	Podcast Geografando nas Sextas: O Campo Baiano em Debate . Episódio 03: Questão Agrária: pesquisas e abordagens no Brasil e na Bahia
14/09/21	O campesinato no Brasil e a produção da agricultura familiar camponesa	WANDERLEY, M. N. B.. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. Revista de Economia e Sociologia Rural , Brasília, v.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 220-227, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".

		52, 2014. p. 25-44.
21/09/21	Modernidade e barbárie: reflexões sobre o uso de tóxicos no agro brasileiro	LIMA, A.S. JESUS, A. C. C. PEDREIRA, I. A. Modernidade e barbárie: reflexões sobre o uso de tóxicos no agro brasileiro. In: Simpósio Internacional de Geografia Agrária-Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 2019, Recife-PE. Anais IX SINGA . Recife-PE: UFPE, 2019. Documentário “O veneno está na mesa I”.
28/09/21	Continuação da aula discussão da aula anterior + Apresentação dos resultados do projeto de pesquisa “Geografando o uso de agrotóxicos no Vale do Jiquiriçá” Chamada Interna PROPES Nº 02/2019/ PIBIC-Af/CNPq/IF Baiano.	

Elaboração: Aila Cristina Costa de Jesus, 2021.

Os textos foram escolhidos com objetivo de apresentar as questões conceituais e teóricas sobre a discussão do rural brasileiro, ao mesmo que, foram pensados para contribuir com a compreensão da realidade a qual os discentes estão inseridos no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, no estado da Bahia, onde posteriormente atuarão como professores e professoras². Não obstante, construímos conjuntamente um exercício da “pedagogia da pergunta”. Inspiradas em Paulo Freire, acreditamos que ensinar não é transferir conhecimento e que não existe ensinar sem aprender (FREIRE, 1996; 2017). Nas palavras de Freire (2017, p. 55),

É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos.

E nesse processo de ensinar-aprender, o diálogo e o debate eram fundamentais. Como forma de incentivar a interação dos(as) discentes nos debates e socialização dos entendimentos e dúvidas sobre o texto/temática, realizamos intervenções para contribuir com as discussões e provocar a reflexão sobre a realidade do Vale do Jiquiriçá - Bahia - Brasil, principalmente sobre a materialização da questão agrária, estrutura fundiária e a produção da agricultura familiar camponesa. A partir dessas experiências, foi possível, conforme nos ensina Freire (2017, p. 56), repensar o pensado e envolver a curiosidade dos educandos por

² O Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, é formado por 20 municípios, são eles: Amargosa, Brejões, Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jiquiriçá, Lafayette Coutinho, Laje, Lajedo do Tabocal, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas e Ubaíra. *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 220-227, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

diferentes caminhos. Era o exercício de fazer a pergunta não feita e perceber como os educandos estavam "grávidos de sugestões" que muitas vezes não enxergamos.

Além dos momentos listados, executamos a Orientação (síncrona e assíncrona) no desenvolvimento das atividades propostas no plano de ensino da disciplina que denominamos "Processo de Pesquisa" e "Construção da Cartilha Expressões sobre o rural no Vale do Jiquiriçá". A orientação do processo de pesquisa consistiu em momentos síncronos e assíncronos (via *Google Meet*, e-mail e Moodle) para orientar o levantamento, sistematização e análises dos dados sobre municípios do Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, o qual cada equipe ficou responsável de realizar. Para esse processo, montamos uma orientação com tutoriais que foram anexados ao plano de ensino contendo informações sobre onde/como os dados poderiam ser coletados. Tal ação tinha como intuito familiarizar os(as) discentes aos procedimentos metodológicos e técnicas de pesquisa.

Dessa forma, periodicamente, foram realizadas reuniões de orientação com as equipes para sanar dúvidas e discutir sobre o andamento da pesquisa, bem como, a forma de sistematização e análises dos dados. Após finalizar o processo de pesquisa, orientamos a construção de uma Cartilha a partir dos dados levantados. A Cartilha intitulada "Expressões do espaço rural no Vale do Jiquiriçá: olhares sobre o município de ..." tinha como objetivo servir de material didático para serem utilizadas pelos(as) próprios discentes em atividades futuras de estágios supervisionados, bem como, por professores e professoras da Educação básica do Vale do Jiquiriçá³.

Esta etapa foi importante na construção dos(as) discentes como futuros pesquisadores e pesquisadoras, como também na solidificação do processo de ensinar-aprender. Segundo Freire (1996) não há ensino sem pesquisa, sem curiosidade e criatividade. Por isso, o conhecimento precisa ser vivido e percebido. Pesquisar sobre os municípios que os(as) discentes tinham alguma relação possibilitou o que Freire (2017, 63) chama "teoria emergida molhada da prática vivida". Assim, é possível pensarmos na vinculação entre os debates teóricos construídos na disciplina e a concretização de uma pesquisa para observar os aspectos discutidos na realidade de seus municípios, em outras escalas e perspectivas.

Outro ponto que demonstra a construção do processo de ensino-aprendizagem dos(as) discentes é um pequeno exercício que fizemos durante as aulas. Na primeira aula,

³ Os(as) discentes matriculados(as) em Geografia Rural vivem em Cravolândia, Jaguaquara, Jiquiriçá, Mutuípe, Santa Inês e Ubaíra. As pesquisas realizadas e a cartilha produzida abordaram a realidade concreta do campo nos municípios de Jaguaquara, Santa Inês e Ubaíra.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 220-227, set/2022, Dossiê Temático "Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19".

ISSN: 2176-5774

pedimos que cada discente definisse o significado de rural com três palavras. Solicitamos a mesma coisa na última aula. Foi possível perceber que houve uma ampliação na compreensão sobre as dimensões do rural/campo brasileiro e fortalecimento entre o momento anterior e posterior as leituras, discussões, pesquisas e produções (Figura 01).

Figura 01. Três palavras que definem o rural para os discentes matriculado no componente Geografia Rural



Fonte: Questionários aplicados, 2021. Turma Lic. Em Geografia, IF Baiano Campus Santa Inês.
Elaboração: Aila Cristina Costa de Jesus, 2021.

As nuvens de palavras demonstram como os(as) discentes construíram suas visões sobre o rural. Abordamos as perspectivas sobre o rural e as interpretações que a sociedade tem desse espaço, interpretações que vão deste ao idílico/puro, do atraso, do exótico, como também, da resistência e identidade. Dessa forma, as nuvens de palavras serviam como fio condutor das discussões ao longo da disciplina e da reflexão sobre a compreensão sobre o rural. Podemos perceber aqui, no mínimo, algumas concepções, que perpassam desde ao agrícola, ao agrário, as lutas e resistências.

Considerações finais

A experiência do tirocínio docente na disciplina Geografia rural tem vinculação direta com a pesquisa de mestrado desenvolvida pela discente tirocenista. Por isso, a atividade se apresentou como uma experiência formativa de significativa aprendizagem. O exercício de articular os conhecimentos e as reflexões construídas nas disciplinas cursadas no mestrado com as práticas e as discussões do componente curricular foi um desafio que contribui com a formação enquanto professora-pesquisadora a partir da docência no ensino superior.

Apesar das dificuldades e percalços inerentes ao ensino remoto, a parceria com a professora responsável ajudou bastante na elaboração de estratégias que garantem a interação dos sujeitos e a construção do conhecimento. Dessa forma, a aprendizagem foi considerada positiva, em especial, como pensamos e executamos a disciplina com condução partilhada, pautada no tripé pesquisa-ensino-extensão.

As experiências do tirocínio confirmam aquilo que Freire (2017) dizia sobre a leitura do mundo e leitura da palavra. Na disciplina, tínhamos o objetivo de discutir o rural e agricultura recente no Brasil e mundo. Foi pensar o rural a partir do texto, mas conhecendo o contexto o que tentamos fazer. Ler a palavra, mas lendo o mundo e o contexto, de forma crítica, que as palavras estavam inseridas.

E com isso, destacamos a responsabilidade ética, política e profissional que, nós, enquanto educadoras, tivemos ao propor essa disciplina e proposta de ensino. Paulo Freire diz que o ensinar “exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes” (FREIRE, 2017, p. 56). Por isso, ao longo da disciplina dedicamos ao estudo, pesquisa e reuniões para preparar, capacitar, formar e vivenciar e perceber as interações entre a realidade e as discussões teóricas. Foi isso que alimentou a análise crítica da própria prática.

Esta frase o explicar o que construímos “Ensinar - Aprender. Leitura do mundo - Leitura da palavra” (FREIRE, 2017, p. 55), pois, na medida que ensinávamos, aprendíamos. Na medida que aprendíamos, ensinávamos. Ensinávamos e aprendíamos com a leitura da palavra – leitura dos textos, das discussões teóricas – e a leitura do mundo – o que foi sendo construído a partir das experiências dos sujeitos envolvidos, das trocas com a professora responsável pela disciplina, das vivências socializadas com os(as) discentes, as questões das realidades apresentadas e o exercício da leitura crítica do contexto ao qual estamos inseridos.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; Tia, não.** Cartas a quem ousa ensinar. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GERMANI, Guiomar. Condições históricas e sociais que regulam o acesso a terra no espaço agrário brasileiro. **GeoTextos:** Revista da Pós-Graduação em Geografia. Salvador, v. 2, p. 115 -147, 2006. Disponível em: <https://geografar.ufba.br/germani-guiomar-condicoes-historicas-e-sociais-que-regulam-o-acesso-terra-no-espaco-agrario-0>. Acesso em: 01. jun. 2021.

IF BAIANO. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia.** Santa Inês: SETEC/MEC, 2017.

Agradecimentos

Agradecimentos a Turma Geografia Rural do Curso de Licenciatura em Geografia do IF Baiano *Campus* Santa Inês.